

McCULLOUGH, Donald W. **Trivialization of God: the dangerous illusion of a manageable deity**. Colorado Springs: NavPress, 1995. 172p. Resumido por J LHack em nov/2006.

1. A trivialização de Deus

A igreja atual perdeu o temor e a reverência diante do sagrado. Preferimos a ilusão de um deus domesticado, mais “presente” e útil – tal como o bezerro de ouro israelita. Causas: a) O avanço científico, que trouxe explicação para tudo. b) O silêncio divino diante do sofrimento crescente causado pelo nosso pecado, o que gera sensação de isolamento e indiferença. c) A atordoante multiplicação da informação disponível – é preciso uma Palavra para pôr as outras palavras em uma gramática de significado. d) O crescente individualismo e independência = o Sheilaísmo = religião do eu, do self-service em termos de igrejas e doutrinas.

O cristão não se submete mais, hoje ele convida Jesus para morar com ele, permanecendo no controle da casa. Nosso problema principal é denominado pecado – o desejo de ser como Deus, de ser independente. Libertação disso só vem, portanto, de fora. O Deus revelado nas Escrituras é mais que adequado às nossas necessidades: é santo e totalmente outro (produz reverência), é exigente e amoroso (preenche a solidão, dá sentido e direção), nos insere em uma comunidade de graça (minimizando o individualismo). Tal Deus não é domesticado.

2. Um panteão de deuses

Três deuses são muito populares em nossos dias:

A) Deus-da-minha-causa: diante de tantos problemas, queremos ter ao nosso lado o Todo-Poderoso. Deus se torna uma ferramenta para nossa justa causa. Isso transparece claramente na teologia da libertação ou na teologia feminista. Estas teologias não se preocupam em descobrir quem Deus é, mas qual imagem dele é mais útil para a causa.

B) Deus-do-meu-entendimento: nenhum sistema teológico consegue “conter” tudo o que Deus é. A intolerante convicção da verdade em geral se fundamenta no orgulho intelectual e espiritual. Por trás da defesa da verdade e da ortodoxia, perde-se o amor ao próximo. A tarefa teológica exige tanto humildade quanto pensamento crítico (Aquino e Barth exemplificam).

C) Deus-da-minha-experiência: o que experimentamos é do que mais temos certeza. O problema é enquadrar Deus em nossa experiência e torná-la normativa para a igreja. Liberais, evangélicos e carismáticos tendem cada um a um destes tipos de distorção. Uma fé equilibrada inclui um pouco de cada. O que é mais importante é saber que Deus está além da visão (qualquer que seja) sobre ele.

3. No templo dos ídolos

A psicologia invadiu a vida comum e a igreja. Fala-se mais em baixa autoestima do que em pecado, em depressão e ansiedade do que em negar-se a si mesmo. Esta obsessão com o self nos leva ao templo dos ídolos:

A) Deus-do-meu-conforto: no lugar da obediência que leva à cruz, hoje busca-se alcançar os fora-da-igreja preenchendo suas necessidades. Deus passa a ser o Grande Terapista que nos ajuda a encontrar sentido na vida, alguém que tem a obrigação de nos fazer felizes.

B) Deus-do-meu-sucesso: a sociedade atual impõe o sucesso como objetivo final. Deus passa a ser visto como o Consultor Financeiro que quer a prosperidade econômica de todos os seus filhos.

C) Deus-da-minha-nação: o mito da nação cristã confunde patriotismo e xenofobia com obediência a Deus, na presunção de ser este o país “escolhido”. Os compromissos políticos acabam definindo nossa visão de Deus.

4. Agnosticismo

Deus transcende todas as coisas. Há uma diferença infinita qualitativamente entre Criador e criaturas (Kierkegaard), o que nos leva a um agnosticismo reverente. Deus é o inteiramente outro – precisamos admitir nossa ignorância. É o primeiro passo para entendermos sua revelação a nós. “Apenas na escuridão veremos a Luz; apenas no silêncio ouviremos a Palavra”. A criação aponta para um Criador, mas fala pouco sobre o seu caráter. Além disso, nosso pecado nos incapacita a percebê-lo melhor na criação. Em vista disso, precisamos manter uma reverência silenciosa em nossa análise de Deus. Em temor, temos que falar apenas sobre o que nos foi revelado. Reconhecer tal ignorância gera humildade e tira um peso desnecessário dos ombros do pastor – o de defensor de Deus. Este agnosticismo também nos abre para a revelação de Deus mais completamente.

5. A autorrevelação de Deus

Quem poderia ter imaginado Jesus como a representação de Deus? Nosso pensamento sobre Deus revela mais de nós mesmos do que sobre Deus; a verdade divina tem que vir de fora. Contra a maré positivista na teologia que buscava compreender Deus a partir do homem, Barth proclamou a distinção entre Deus e criaturas. Deus só pode ser compreendido a partir de sua revelação, que é constante em Jesus. Esta revelação nos separa de Deus, nos humilha em nossa ignorância. Esta revelação de Deus nos aterroriza, mas também nos aproxima dele. Em Jesus encontramos a verdadeira face de Deus. Esta revelação é de um Deus pessoal e relacional. Todo relacionamento cresce em importância de acordo com a medida de comunicação (revelação) envolvida: quanto mais pessoal, mais confiança se estabelece. A fé precede o entendimento, contudo não é uma compreensão intelectual, mas relacional. Tal fé é cega para si mesma – olha apenas para o Autor da fé. Ao tomarmos a mão de Jesus como guia, encontramos Deus. Só conhecemos Deus por meio de Jesus, e só conhecemos Jesus por meio da Escritura. Ele é o grande iconoclasta que desfaz nossos ídolos e falsas percepções de Deus. Deus é o totalmente diferente – a palavra bíblica para esta diferença é santidade.

6. Fogo consumidor

Deus é santo

7. Conversão à comunidade

Todos somos pecadores, mas em Jesus chamados a ser novo povo.

8. Comunidade de adoração

O louvor é devido, a adoração deve ser reverente e centrada em Deus.

9. Comunidade da Palavra

Centrada no Verbo, proclamando a Palavra, dramatizando-a nos sacramentos.

10. Comunidade de amor

Igreja pura e santa, separada para Deus, mas que manifesta seu amor ao mundo.